

# humanitas

Vol. IV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOL. IV (NOVA SÉRIE, VOL. I)



COIMBRA  
MCMLII

Mucho pudiéramos decir aún sobre este trabajo de Manuel Olguín, ordenado en el auténtico pensamiento de Menéndez Pelayo, y expuesto con sistema y claridad. Acaso no estemos de acuerdo con ciertas afirmaciones del autor — como la de considerar al Maestro más aristotélico que platonista, por ejemplo —, pero son detalles de tan poca importancia en este caso, que ni vale la pena señalar.

Lo importante es habernos dado, en su sobria y justa brevedad, un punto de vista general de la teoría estética de Menéndez Pelayo, que si éste no llegó a formular en organización sistemática, como pensaba, supo buscarlo y organizado el A. a través de una vastísima obra, con un trabajo y un esfuerzo que imaginamos tremendo, y agradecemos cuantos somos asombrados admiradores y estudiosos del Maestro.

Con éste sentimos esa interpretación teológica de la Belleza, según sus admirables palabras, que hacemos nuestras: «Dondequiera que se encuentre el sello de 10 genial y creador, allí está el soplo y aliento de Dios, que es el Creador por excelencia... dondequiera que atraigan nuestra vista ks perfecciones, ya naturales ya artificiales, allí encontraremos el rostro y las pisadas de Dios».

JOSÉ MARÍA VIQUEIRA

Carlo del Grande, *ΤΡΑΓΩΔΙΑ. Essenza e genesi della tragedia.*

Napoli. Riccardo Ricciardi Editore, mcmlii. xii + 342 páginas.

Através de urnas 250 páginas densas (as restantes 90 são consagradas a notas e índices), conduz-nos o A., sempre à vista de sólida erudição, a uma definição de *tragédia* nos seus valores essenciais.

Na realidade, o livro tem intenção e alcance mais largos do que poderia supor-se, ao ler o primeiro capítulo sobre a gênese da tragédia grega.

É a essência da *τραγωδία* como conceito que procura atingir-se, demonstrando, a par disso, como essa essência tem sido confirmada e nunca desmentida até pelos poetas modernos, incluindo o próprio Shakespeare.

Esta, a primeira intenção do livro; e a segunda — mostrar a oposição entre a mentalidade helénica e a cristã. Para Carlo del Grande, o Cristianismo caminha no mesmo sentido do Helenismo, mas supera-o. Os Gregos não podiam conceber um Deus que sofresse pelos homens, nem justiça divina que não fosse implacável, nem «salvação para a massa anónima, daqueles que os deuses não amavam».

Prometeu é visto pelo A. não como precursor de Cristo, um deus *σωτήρ*, mas como irmão de Satanás, porque pecou contra Deus, violando a sua Lei.

De facto, o princípio da *ὑβρις-νέμεσις* parece constante dentro da literatura Grega e até fora dela. “*Γνώθι σεαυτόν*” quer dizer «conhece as tuas limitações, não ultrapasasses a tua natureza, porque atrairás sobre ti o castigo dos deuses».

Este princípio é evidente nos primeiros trágicos e existe, diz o A, no próprio Eurípidas. Onde está a *ὑβρις* na «Alceste»? — Em Admeto, por exigir a vida do pai, sem se lembrar do seu dever; em Feres, por defender os poucos anos que lhe restam; e em Alceste, por pretender, depois de morta, honras de deusa. Eis o que justifica a *νέμεσις*.

A mentalidade grega da era em que surge a Tragédia, da era em que História e Retórica não racionalizaram e disciplinaram ainda o mito, acreditava que era preciso obedecer a *Ζεὺς* — defensor da *δίκη*.

Fruto desta mentalidade, a tragédia tem um sentido ético e religioso que faz parte da sua essência e que a impede de poder subsistir, se se pretende fazer dela apenas obra de arte ou espectáculo cénico.

*Τραγωδία* é *παιδεία*; é «exemplo divino», entre os Gregos e no Cristianismo e, de certo modo, ainda hoje. O Cristianismo, pela sua própria natureza, só pôde criar *uma* tragédia, mais do que nunca «exemplo divino», porque o próprio Deus era o protagonista e não os «heróis» como entre os Gregos.

Em princípio, a missa é a representação desse «divino exemplo»; admite formas de tragédia grega (coros...) e pressupõe o mesmo fim de *παιδεία* e a mesma atitude religiosa do espectador-iniciado.

Em suma: a tragédia está plena de sentido religioso e ético—sua lei é a da culpa-castigo; não pode, por isso, existir sem ambiente próprio e mentalidade adequada. Sendo «rito e poesia», transcende o plano do meramente estético.

É esta a sua essência.

Se não teve sentido trágico entre os Romanos, é porque eles a ignoraram *nos* seus valores essenciais, reduzindo-a à *Θέα*, ao espectáculo.

O livro de Cario del Grande é um pouco difuso, porque o A. tem a preocupação de apoiar sempre o seu «esprit de finesse» em vasta documentação e de não repudiar sem crítica opiniões alheias.

O seu método associa a História à Filologia. Daí a frescura de certas páginas e a impressão de segurança que delas se desprende: não procura Cario del Grande a etimologia (tantas vezes vaga e problemática) das palavras, mas estuda-as a partir da sua situação nos textos. Parte do princípio de que a chave do sentido da palavra está no estudo comparativo de vários «casos», isto é, de situações concretas.

Assim se procura clarificar o sentido de: *εξάρχων, υποκριτής, ήρως, τραγωδία* (1), *Ιστορία...*, numa revisão de conceitos e definições que, se por vezes não resolve problemas, abre pelo menos novas perspectivas.

O próprio A. confessa que em Filologia o definitivo é impensável.

A evitar os excessos de uma Filologia «purificada» intervém a investigação histórica a que se não poupa.

Divide-se o livro em 5 grandes capítulos. O primeiro trata da génese da tragédia e, além da clarificação de conceitos a que me referi e de paciente e ordenada interpretação de Aristóteles, limita-se a supor que o improvisado de que nasce a tragédia seria já anterior ao culto de Dioniso.

Os dois capítulos seguintes traçam as relações entre tragédia e mito, e tragédia e teatro.

No capítulo 4 afirma-se o antagonismo entre História ou Retórica e o sentido trágico.

No capítulo 5 mostra-se a persistência do «divino exemplo» no Cristianismo.

O livro vale pela erudição, mas ainda mais pela meditação. «Nasce de meditação de ideias», como se diz no prefácio, e daí o seu interesse.

MARIA ANA ALMENDRA

Ludwig Edelstein, **Wielands Abderiten und der deutsche Humanis-**

**mus (Os Abderitas de W. e o Humanismo alemão).** Sep. da University of California Publications in Modern Philology, vol. 26, N.º 5. — University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1950. — 31 págs.

Pela sua parte informativa acerca dos elementos constitutivos do romance *Die Abderiten* de Wieland, o estudo presente deve ser considerado como contribuição elucidativa. Pelo que diz respeito, porém, à *tese* que o A. defende, a base doutrinária em que a funda, tem o defeito de ser ao mesmo tempo demasiado estreita, arbitrária e imprecisa, identificando a noção do *Humanismo alemão* com o *Classicismo* humanizante dos Winckelmann, Goethe e Schiller, e atribuindo à obra ana-

(1) O A. quer reconhecer em *Τραγωδία* a ideia de «forte», de acordo com Gray (norm, *threker*, força; irl. *tren*, forte; basco *tereg*, potente; hit. *tarhh*, ser poderoso, conquistai)^*Τραγωδία* seria «o canto do poderoso».